

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO NO ENSINO BÁSICO

Cristina Aparecida Sancho

SLAM POÉTICO: UMA FERRAMENTA LITERÁRIA DE RESISTÊNCIA E
EXISTÊNCIA

Juiz de Fora

2019

Cristina Aparecida Sancho

***SLAM POÉTICO: UMA FERRAMENTA LITERÁRIA DE RESISTÊNCIA E
EXISTÊNCIA***

Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em Tecnologias de Informação e Comunicação no Ensino Básico, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do grau de Especialista em Tecnologias de Informação Digital e Comunicação no Ensino Básico.

Orientador: Dr^a Carla Silva Machado

**Juiz de Fora
2019**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Sancho, Cristina Aparecida.

Slam poético: uma ferramenta literária de resistência e existência / Cristina Aparecida Sancho. -- 2019.
24 f.

Orientador: Carla Silva Machado

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Especialização em Tecnologias de Informação e Comunicação para o Ensino Básico, 2019.

1. Literatura. 2. Resistência. 3. Mídias. 4. Mulheres Negras. 5.

Slam. I. Machado, Carla Silva, orient. II. Título.

Cristina Aparecida Sancho

**SLAM POÉTICO: UMA FERRAMENTA LITERÁRIA DE RESISTÊNCIA E
EXISTÊNCIA**

Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em Tecnologias de Informação e Comunicação no Ensino Básico, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do grau de Especialista em Tecnologias de Informação Digital e Comunicação no Ensino Básico.

Aprovada em 27 de abril de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Carla Silva Machado - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Ms. Amanda Cristina Bastos Costa
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico este trabalho a Deus, porque Ele é o responsável por minhas vitórias e por me ajudar a vencer vários obstáculos e conquistar meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, autor e consumidor da minha fé, por me sustentar em todos os momentos de minha vida e que me concedeu força para concluir este trabalho.

À minha mãe, por ser um modelo de mulher a ser seguido e por ser sempre a pessoa mais feliz com minhas conquistas.

Aos meus sobrinhos, Isabelly e Kauan, que alegram a minha vida e me dão ânimo para nunca desistir.

Ao meu noivo, Leandro, por entender as ausências durante o período de estudo e por torcer sempre por minhas vitórias.

À professora orientadora, Carla, pela atenção e zelo conosco, pelo conhecimento transmitido, pelas valiosas contribuições e correções, e por ser tão gentil.

Aos professores do curso, Tecnologias da Informação e Comunicação no Ensino, por todos aprendizados e pela paciência durante as atividades presenciais.

Aos amigos que fizeram parte desse momento. Muito obrigada a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para realização de mais essa formação!

RESUMO

O presente trabalho de conclusão do curso de Especialização em Tecnologias da Comunicação na Educação Básica (TICEB) é desenvolvido como um plano de aula. O objetivo principal é introduzir as tecnologias da informação e comunicação nas salas de aula, a fim de ampliar as práticas de ensino. O trabalho em questão se valerá de mídias disponibilizadas no *Youtube* para construir sua proposta. A intenção é romper com paradigmas construídos historicamente e que se mantêm na nossa sociedade até os dias de hoje. Paradigmas que marcam e excluem grupos devido a sua raça, gênero, nível de linguagem ou condição social. Nesse sentido, pensamos em despertar o senso crítico dos alunos por meio de vídeos que discutam tais questões e também ampliar essas discussões com poemas que possuam cunho social. Para isso, utilizaremos nomes como Elisa Lucinda, Conceição Evaristo e Cristiane Sobral e *Slams* poéticos presentes no *Youtube*. Assim, poderemos promover uma inquietação nos alunos acerca de como o racismo e a intolerância em relação ao outro é estabelecido; incitar a classe às causas geradoras das diferenças raciais, sociais e de gênero; criar novos significados para conhecimentos pré-concebidos e amenizar atos vistos como comuns, além de ressignificar ações.

Palavras-chave: Literatura; Resistência; Mídias; Mulheres Negras; *Slam*.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AULA.....	12
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
4. BIBLIOGRAFIA.....	18
5. ANEXOS.....	20

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo a construção de uma proposta didática que vise à ampliação do uso das Tics¹ nas salas de aulas. Como sugestão pensamos em uma atividade que aborde o estudo da estrutura de poemas tradicionais em comparação com o *Slam* poético: texto veiculado nas redes sociais, em especial no *Youtube*, como forma de resistência a problemas de ordem social, racial, de gênero e outros. A nossa intenção é aproximar os adolescentes da leitura de poemas, a partir de textos que partem da realidade desses discentes, a fim de desmistificar a supremacia da linguagem formal na construção de textos poéticos. Iremos nos ater às disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura para o desenvolvimento deste projeto.

A escolha das disciplinas se confirma pelo objeto que será abordado: os poemas. Nas aulas de Língua Portuguesa pensaremos nas construções ideológicas sobre certo e errado que surgem em relação aos níveis linguísticos: culto e coloquial; também refletiremos sobre a importância de se dominar o padrão culto da língua e sobre a necessidade da adequação linguística aos diversos espaços de interação social. Para isso, iremos nos basear nos estudos do professor Marcos Bagno na obra: *Preconceito linguístico* (2008) que discute essa temática com bastante maestria. Pensando no quesito: adequação linguística, faz-se necessário abordar as diferenças entre texto oral e escrito, pois na era das tecnologias, a sociedade tem absorvido as marcas da fala e transferindo-as para a escrita sem mensurar as suas distinções. Outro ponto importante é estudar a semântica: os significados e as interpretações de uma palavra, de uma frase ou de uma expressão em um determinado contexto e pensar nas significações de alguns termos vistos de forma pejorativa se comparados a outros vocábulos. Na literatura, pensaremos na estrutura canônica que conhecemos para a elaboração de poemas e como essa estrutura tem se modificado na contemporaneidade mediante o surgimento da internet e da fácil disseminação de ideias.

Nesse ponto apresentaremos o *Slam*² como uma ferramenta de resistência, dotada de conhecimentos socioculturais e históricos e que é escrito por meio da informalidade, a fim de

¹ Tics: Tecnologias de informação e comunicação. Nesse trabalho, Tics indica que iremos propor a inserção das tecnologias da informação no currículo escolar.

² O *slam* foi criado nos anos 1980 em Chicago, nos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que a cultura hip hop tomava forma, mas só chegou ao Brasil mais tarde, nos anos 2000. Os *slams* são campeonatos de poesia. Normalmente, os participantes têm até três minutos para apresentarem sua performance - uma poesia de autoria própria, sem adereços ou acompanhamento musical. O texto pode ser escrito previamente, mas também pode haver improvisação. Não há regras sobre o formato da poesia. O júri é escolhido na hora e dá notas de 0 a 10, que podem ser fracionadas, explica Jéssica Balbino, escritora e pesquisadora de literatura marginal e hip hop, em entrevista ao Nexo. Entre todos os competidores, a maior nota vence. Disponível em:

atingir a todos independentemente do nível de instrução. Esse plano visa o despertar dos alunos para a leitura de textos poéticos, algo incomum no espaço escolar. Incitar os discentes ao gosto pela leitura, partindo do conhecimento prévio que todos possuem que é a linguagem coloquial, bastante frequente em diversos estilos de música, como o Rap³ e o repente⁴.

Esse planejamento surgiu mediante a realidade de uma instituição de ensino onde lecionei. A escola em questão se chama: Escola Estadual Deputado Olavo Costa localizada no bairro Monte Castelo na cidade de Juiz de Fora. O público da escola até o ano de 2011 era exclusivamente de alunos moradores do bairro em questão e de outros vizinhos: Esplanada, Carlos Chagas e Bairro Fábrica, porém a partir de 2012 houve na região a chegada do empreendimento: Programa Minha Casa Minha Vida e assim, ano após ano o público foi mudando. Hoje, em 2019, o público majoritário são alunos vindos desse novo bairro, chamado: Parque das Águas. Além da mudança de público a escola vem passando por mudanças estruturais, esse novo corpo discente trouxe consigo diversos problemas de ordem social, como conflitos entre bairros rivais, visto que o empreendimento gerou um compartilhamento do espaço de moradia e de estudo entre pessoas que antes não frequentavam os mesmos lugares; além disso, vê-se falta de identidade racial e aceitação da mesma; enfrentamento interpessoal; baixa autoestima, extrema desmotivação e como consequência evasão escolar. Diante deste cenário, a instituição precisou se reestruturar, a fim de atender às necessidades desse público específico. Uma dessas mudanças deu-se no currículo. A gestão, em conjunto com os professores vêm desenvolvendo ações que permitem uma melhor relação interpessoal e outras melhorias de cunho educacional. Entre elas trazer a realidade dos alunos para a escola. E o trabalho com o *Slam* Poético foi uma dessas atividades que teve resultado, pois despertou o interesse dos alunos e possibilitou que eles falassem sobre suas angústias e sonhos mediante a poesia.

<<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/12/20/O-que-s%C3%A3o-slams-e-como-eles-est%C3%A3o-popularizando-a-poesia>>.

³ O rap é um estilo de música que se caracteriza por um recitado rítmico das letras, que não se cantam. Surgido nos Estados Unidos na metade do século XX, trata-se de um estilo que costuma ser associado à população norte-americana de raça negra apesar de, hoje em dia, transcende fronteiras e culturas. Disponível em: <<https://conceito.de/rap>>.

⁴ O repente é uma das diversas formas que surgiu de interpretação de canto e poesia a partir da tradição medieval ibérica dos trovadores. Seus personagens, chamados de repentistas ou cantadores improvisam versos sobre os mais variados assuntos, e andando pelas feiras e espaços populares se apresentam sozinho ou trocam versos com outro cantador, o chamado desafio. O estilo é característico da região nordeste do Brasil, e praticado em especial pelos habitantes da região do sertão paraibano e pernambucano. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/musica/repente/>>.

Outro ponto que este trabalho procurou tocar, foi no desinteresse dos alunos pela leitura em um sentido geral, e mais especificamente pela leitura de poemas. Diante disso, pesquisas foram feitas para tentar sanar essa deficiência e contribuir para a formação de um novo olhar para os textos literários e da sociedade como um todo. Pesquisamos alguns nomes de personalidades do *Slam*, que são anônimas para o grande público, mas utilizam o *Youtube* para iniciar suas discussões, tais como: Jessica Campos - Poesia - Não sou racista; Janio Silva - Poesia Manifesto Negro; Naarie Valente - Apelo à Palavra; Wellington Sabino - O amigo negro não faz do branco menos racista; Kuma França - O meu lugar não é o silêncio... e Laura Conceição – poetisa juizforana.

A partir dessas pesquisas, pretendemos trabalhar as letras dos textos declamados, e permitir que os alunos percebam a função da escrita como veículo de discussão de temas sociais, como: estereótipos, mestiçagem, dominação masculina, assédio, silenciamento, democracia racial, empoderamento, feminismo e lugar de fala, entre outros. Após o estudo do *Slam* podemos estabelecer um intertexto com autoras da contemporaneidade que têm escrito poemas para denunciar problemas que marcam a vida das mulheres, dos negros e pobres do nosso país. Sugerimos o poema: “Vozes-mulheres” de Conceição Evaristo; “Não vou mais lavar os pratos” da escritora Cristiane Sobral e “Mulata Exportação” de Elisa Lucinda. Lembramos que essas sugestões podem e devem ser modificadas de acordo com a classe e a faixa etária abordada. Esses nomes foram pensados devido aos grandes problemas de identidade que encontramos na escola. Identidade de gênero, racial, social e as diversas agressões verbais e físicas que os alunos sofrem por não obterem uma identidade formada e os agressores por não possuírem esclarecimento sobre a sustentação de pré-conceitos que perpassam a história.

Os textos pesquisados são uma forma de iniciar uma discussão, de permitir que os discentes entendam que muitos dos nossos pensamentos são construídos historicamente e que precisamos da leitura para saber desconstruir tais paradigmas e saber como nos posicionar na sociedade. A maior parte dos textos aborda a situação da mulher negra e pobre, mas tanto as autoras citadas, quanto os textos do *Slam* são ricos em temáticas, o que permite que esse planejamento tenha várias possibilidades de inserção, dependendo da necessidade de cada turma. Todo esse trabalho conta com o embasamento de estudiosos da educação que visam pensar o ensino através da cultura, utilizaremos nomes como: Vera Candau e Flávio Moreira para pensar a interculturalidade ou educação intercultural no currículo escolar e como essa ação pode modificar as práticas tradicionais. Segundo, Vera, a educação intercultural possui diversos conceitos que variam de acordo, ela, contudo, adotou a perspectiva crítica, que aponta:

A Educação Intercultural parte da afirmação da diferença como riqueza. Promove processos sistemáticos de diálogo entre diversos sujeitos – individuais e coletivos –, saberes e práticas na perspectiva da afirmação da justiça – social, econômica, cognitiva e cultural –, assim como da construção de relações igualitárias entre grupos socioculturais e da democratização da sociedade, através de políticas que articulam direitos da igualdade e da diferença. (CANDAUI, 2014, p. 1).

Eliane Cavalleiro em sua obra: *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo preconceito e discriminação na educação infantil* será um caminho para pensarmos as relações de gênero e raça nas escolas e a professora Eneida de Souza Lopes, na obra: *Relações étnico-raciais no contexto escolar*.

Vamos estruturar este TCC em: Introdução, desenvolvimento e considerações finais. O desenvolvimento será escrito em forma de texto corrido, sem ilustrações e apresentará o plano de trabalho a ser desenvolvido.

2. DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AULA

Mediante o exposto, acredita-se que seria importante a elaboração de um plano de aula, que tenha como objetivo a promoção das múltiplas identidades sociais, visto que, questões de cunho racial e de gênero têm sido uma grande questão nas relações sociais, sobretudo no espaço escolar. Essas questões, na atualidade, têm sido bastantes problematizadas e estudadas em razão do processo de formação do povo brasileiro e do caráter reflexivo que muitos possuem. Para iniciar o trabalho, é importante a contextualização de dados do passado que se mantém em nossa sociedade, tais como: Os padrões de beleza ao longo das décadas; pensar o modelo de belo que a nossa sociedade possui e a partir desse ponto problematizar expressões preconceituosas da língua que atingem à etnia, ao gênero, ao tipo de cabelo. Para que este trabalho tenha o resultado esperado, as atividades devem contemplar a série final do Ensino Fundamental, 9º ano e o Ensino Médio. O foco do trabalho é permitir que os discentes compreendam a estrutura social sustentada no Brasil desde o período da colonização, onde um grupo domina o outro. Para fundamentar essa discussão poderia ser passado para a turma um vídeo intitulado: Vista minha pele⁵. Este vídeo trabalha com a ideia do preconceito às avessas, invertendo os papéis marcados desde a escravização dos negros no Brasil. A partir desse vídeo, pode-se entender como o agredido se sente. Após assistir o vídeo, diversos assuntos podem ser provocados, como: as

⁵ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM>>

diferenças sociais e as colocações no mercado de trabalho atreladas à etnia do indivíduo; às questões mencionadas anteriormente sobre a beleza, o cabelo entre outros. Essa aula seria para debater, ouvir o ponto de vista dos alunos e dimensionar os conhecimentos adquiridos com a mídia. Sobre esses aspectos raciais, Cunha Júnior (2005, p. 254) afirma:

A presença de africanos e afrodescendentes na cultura e na história não é realizada na forma completa e satisfatória, como deveria acontecer nos programas, nos currículos, nos projetos e conteúdos escolares. Essa representação na história e na cultura não é realizada, pois estamos submetidos a um processo de dominação e de imposição da cultura denominada como ocidental. Estamos dentro de um sistema de educação considerado universal, que transmitiria em hipótese a essência da cultura humana, na sua diversidade. No entanto, esta visão de universal funciona como a imposição de uma visão eurocêntrica de mundo. No trato dado ao universal, desaparecem as especificidades, ficam as categorias gerais, que são as da cultura greco-romana, judaico-cristã. Essas culturas fundamentam o eurocentrismo. E desconhecem como relevantes expressões de africanos e afrodescendentes.

O olhar do autor aponta para a função da escola de romper com estereótipos e discursos que inferiorizam o povo negro e propiciar uma formação que subverta a história e, torne os jovens, pessoas críticas.

Em outra aula, o professor poderia levar para a sala o texto de Elisa Lucinda, **Mulata exportação** e após a leitura pensar em aspectos do cotidiano que, muitas vezes, não são percebidos, como: a erotização das mulheres negras, algo que possui um recorte de raça e de gênero e que surgiu no período da escravidão e se mantém até os nossos dias; a mestiçagem presente no termo mulata, vocábulo pejorativo em seu radical, pois além de fazer referência ao animal mula, simboliza um cruzamento indevido, defeituoso seria uma analogia ao resultado da relação: branco e negro que gera o mestiço; a dominação masculina que pode ser resgatada desde a escolha do esposo feita pelo pai ou irmão; também com os senhores de engenho que subjugavam suas esposas e mantinham relações extraconjugais com suas escravas; do assédio masculino que é tratado com normalidade, pois culturalmente faz parte da natureza masculina e as diversas punições conferidas a mulher que não for fiel, presente até na bíblia. Diante desse recorte, lembramos da reflexão de Eliane Cavalleiro que destaca:

[...] o negro vivendo em uma sociedade que lhe proporciona sistematicamente a interiorização da negatividade do seu grupo étnico, acaba aceitando isso como verdade e reproduzindo o mesmo comportamento e pensamentos. (CAVALLEIRO, 2006, p.95).

Enfim, são diversos temas que o poema permite a reflexão, e ainda podemos encerrar as discussões abordando o empoderamento feminino e a importância do feminismo no Brasil e no mundo. O professor deve montar um roteiro para direcionar as dúvidas que irão surgir; para cada aula um roteiro que possua uma abordagem específica: questões étnico-raciais em um; gênero para outro; e assim por diante. O importante é criar um desenvolvimento crítico, é levar a classe a pensar através da poesia, através da literatura, esse é o objetivo da atividade. A partir do olhar da professora, Eneida de Souza Lopes, salientamos que:

[...] esse trabalho pretende incorporar perspectivas que valorizem a diversidade cultural e reajam contra preconceitos na educação e na formação de professores... E ainda buscar respostas para incorporar à pluralidade cultural e o desafio a construção das diferenças nos espaços culturais plurais, incluindo a educação. (LOPES, 2010. p.99).

Em outro momento, com um conhecimento prévio já formado, o professor pode apresentar o *Slam* para a turma. Mostrar o gênero como um texto escrito por artistas anônimos que discutem diversas questões da sociedade. O professor de Língua Portuguesa poderia trabalhar as letras dos textos declamados como veículo de discussão social. Seria interessante, ainda, estudar as regras de escrita desse gênero, a fim de entender suas semelhanças e diferenças com a estrutura poética tradicional. O *Slam* é um texto poético que pode tratar de qualquer assunto ou tema e em qualquer estilo. Cada poeta tem que apresentar poemas originais e de sua autoria. É proibido usar auxílios visuais ou fantasias; o foco do texto são as palavras e a performance. Também não é permitido o uso de instrumentos musicais ou música pré-gravada. O que se permite é a citação de trechos de obras de outros autores, essa ação é chamada de: *Sampling*. Durante a apresentação, os poemas precisam ser diferentes, são três ao todo e o tempo estipulado para cada performance obedece a regra dos três minutos. Quem ultrapassar esse tempo é penalizado. Moreira e Candau (2003), afirmam que:

A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural. Portanto, as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois polos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados (MOREIRA; CANDAU, 2003, p. 160).

Nesse sentido, o *Slam* se configura como esse elo intercultural, pois é um texto que dialoga com o cotidiano e permite uma relação entre cultura e escola.

Prosseguindo com as atividades, na aula seguinte, o professor poderia trabalhar as questões ligadas à formalidade da língua e verificar se os alunos perceberam que no *Slam* há o predomínio do coloquialismo, traço que marca a oralidade e concede representatividade as periferias. Ainda nessa aula é importante pensar na carga negativa que acompanha a linguagem informal. A estudiosa, Rosa Virgínia Mattos e Silva (2004), na obra *O Português são dois*, mostra-nos como a sociedade entende a cultura, cultura seria, mediante essa análise ter o domínio da norma culta. Tal analogia é equivocada, visto que sua existência apenas reforça a sustentação do que Marcos Bagno chama de preconceito linguístico.

[...] o entendimento de “cultura” é exclusivo, restringe-se apenas à cultura letrada das classes dominantes, posição teórica indefensável por qualquer antropologia contemporânea e, na prática, indefensável para quem entende a democratização do saber e da cultura (...) como difusão dos saberes e das culturas das diversas camadas sociais e culturais que constituem a sociedade brasileira.

Sobre essa questão, Carlos Alberto Faraco (2002), em *Norma Padrão Brasileira* explica essa compreensão infundada. Segundo o autor, o adjetivo *culta* pode oferecer a interpretação de que aqueles que não dominam essa língua culta sejam *incultos*, já que essa é a oposição direta entre os vocábulos. Entretanto, Faraco reforça que esse qualificativo se refere diretamente à cultura escrita e por isso essa norma culta é a responsável pela unificação da língua, visto que na cultura oral não é possível conter as variações, já que a língua é viva e passa por processos de transformação o tempo inteiro. Percebemos essa colocação no trecho de *Preconceito linguístico*:

[...] enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, a margem da língua. (BAGNO, 2008, p.20).

Nessa mesma obra, o autor aborda a importância da sociolinguística variacionista termo traduzido de Labov (1972), a partir da obra: *Sociolinguistic Patterns* (Padrões sociolinguísticos). Bagno escreve uma apresentação para essa obra e, mostra-nos a importância dessa vertente sociolinguística para a educação e principalmente para o nosso país:

No terreno da educação, o reconhecimento da variação linguística em sua estreita correlação com a heterogeneidade social tem redirecionado de modo radical as concepções de língua e ensino de língua nas diretrizes oficiais e na prática pedagógica em sala de aula. (BAGNO, 2008, p.10)

Como culminância das atividades realizadas, os alunos seriam convidados a escrever textos, no padrão dos *Slams*, que abordassem alguma das temáticas estudadas ao longo deste projeto. A escola poderia promover um momento de apresentação, para que os alunos possam declamar seus textos, atendendo às regras do gênero e ainda é possível convidar um artista para ir à escola e participar do evento, Laura Conceição é um nome bastante forte nessa arte e sempre aceita os convites feitos a ela, por ser de Juiz de Fora, está mais acessível à escola.

A culminância apresentada é uma possibilidade de romper com um ensino que preza pela mecanização do saber. É imprescindível, que as escolas utilizem as diversidades, atreladas aos meios tecnológicos para que a escola forme cidadãos aptos a pensar e que saibam distinguir o que é adequado ou não. Bagno, deixa-nos uma inquietação no trecho a seguir

Como possibilitar a esses brasileiros o acesso à cultura letrada e, com isso, a chance de lutar pela cidadania com os mesmos instrumentos disponíveis para os falantes já pertencentes às camadas sociais privilegiadas? Como fazer para que a escola – fonte primordial do letramento na nossa sociedade – deixe de ser uma agência reprodutora de agudas desigualdades sociais e dos perversos preconceitos que elas suscitam? Como levar os professores, sobretudo do ensino fundamental e, mais ainda das séries iniciais, a deixar de acreditar em algo que não existe (o “erro de português”) para, no lugar dessa superstição infundada, passar a observar os fenômenos de variação e mudança de modo mais consistente e cientificamente embasado? (BAGNO, 2004.p.8).

A partir das indagações trazidas por Marcos Bagno traçamos um paralelo com competências propostas nos PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) no eixo da Língua Portuguesa. Os PCNs trazem a importância da inserção da língua oral nas aulas, a fim de valorizar o conhecimento que os discentes possuem e trazem consigo para a escola, assim para que o conhecimento seja efetivado de forma consistente é preciso partir dessa didática e inserir ao ensino da Língua Portuguesa os diversos falares que compõem a nossa cultura. “Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é”. (BRASIL, 1997, p. 49).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão do curso de especialização em Tecnologias da Comunicação na Educação Básica (TICEB) trouxe uma proposta para contribuir com a formação educacional, a partir da introdução das tecnologias nas salas de aula. O intuito desse projeto é produzir, em alunos e professores, crescimento e amadurecimento social. Para isso, fizemos nossa abordagem com textos do cotidiano, facilmente encontrados no *Youtube*, a fim de aproximar a escola do mundo tecnológico que nos cerca; a utilização desse recurso, faz-se adequada, porém é preciso entender o uso dos vídeos como um instrumento mediador de debates, que venham despertar nos alunos um caráter crítico diante de si e da sociedade em que vivemos.

Ao introduzir nas práticas educacionais, um filme, vídeo ou outra mídia, espera-se que o olhar do outro seja atingido, que sua sensibilidade seja tocada. Os vídeos sugeridos nesse planejamento incitam a discussão, causam inquietação e tudo isso é positivo, no sentido que irá levar os alunos a reconhecerem a realidade do mundo em que vivemos, e talvez, a sua própria realidade. Mas o trabalho não pode apenas trazer esse incômodo, ele precisa criar possibilidades de reorganização do pensamento, de identificação, de valorização das diferenças e de consciência da nossa igualdade como seres humanos que somos. Sobre isso, a professora Luciana Pacheco Marques destaca:

Precisamos, sim, ressignificar o cotidiano escolar através da construção de novos diálogos, de cujo contexto ninguém esteja excluído, de onde emerge e se consolida o maior de todos os valores da Atualidade: o reconhecimento e o respeito pela diversidade humana como base de uma sociedade mais justa e mais solidária. (MARQUES, 2008. p.183).

Sendo, assim, nosso objetivo é que o *Slam* poético seja uma ferramenta intercultural que possa amenizar conflitos de ordem pessoal e também uma porta que desperte o gosto pela leitura e pela escrita, sobretudo de poemas que é um gênero pouco consumido pelos alunos em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. (Org.) **linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2ª ed., 2004.

_____. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 50. ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1997, 144p.

CAMPOS, Jessica. **Não sou racista**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i9wlQFeabyU>>. Acesso em: 02/01/2019.

CANDAU, Vera Maria. **Concepção de educação intercultural**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2014. (Documento de trabalho).

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. Ed. [Contexto](#). São Paulo, 2003.

CONCEIÇÃO, Laura. **Meu corre**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GVEcXSGjgOg&list=PLupg3VHsGk15JrhwEWCjslLCVfRnNHN4C>>. Acesso em: 02/01/2019.

CONCEITO de rap. Disponível em: <<https://conceito.de/rap>>. Acesso em 02 mar. 2019.

CONCEITO de repente. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/musica/repente/>>. Acesso em 02 mar. 2019.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. **Nós, Afro-descendentes: História Africana e Afro-descendente na Cultura Brasileira**. In: *História da Educação do Negro e outras Histórias*. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos: 3ª ed.** Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 24- 25.

FRANÇA, Kuma. **O meu lugar não é o silêncio, e não me peça calma pois isso me irrita**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=koZnoAm1ENO>>. Acesso em: 02/01/2019.

LOPES, Eneida de Souza. **Relações étnico-raciais no contexto escolar**. Ed. UFJF, 2010. Juiz de Fora. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida; DAIBERT JÚNIOR, Robert. *Depois, o Atlântico: Modos de pensar, crer e narrar na diáspora africana*. 1ª Juiz de Fora: UFJF, 2010. p. 99- 111.

MARQUES, Luciana Pacheco. **Diversidade, formação de professores e prática pedagógica**. Ed. UFJF, 2008. Juiz de Fora. In: *Educação em Foco*. p.175-184.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O Português são dois...**: novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola Editorial, 2004

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2003. Disponível em: Acesso em 30 de maio de 2005.

O que são slams e como eles estão popularizando a poesia. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/12/20/O-que-s%C3%A3o-slams-e-como-eles-est%C3%A3o-popularizando-a-poesia>>. Acesso em: 02 mar. 2019

SABINO, Wellington. **O amigo negro não faz do branco menos racista**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WISHu1StOW8>>. Acesso em: 02/01/2019.

SILVA, Janio. **Manifesto Negro**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nI_i97oPQYc&t=2s>. Acesso em: 02/01/2019.

SOBRAL, Cristiane. **Não vou mais lavar os pratos**: 3ª ed. Brasília: 2016. p. 16 -18.

VALENTE, Naarie. **Apelo à Palavra**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-UpRVIWZRLE>>. Acesso em: 02/01/2019.

VISTA minha pele (vídeo). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM>> . Acesso em: 15/01/2019.

ANEXO A - Poema: Vozes-mulheres de Conceição Evaristo

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
A minha voz ainda
ecoou versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.

Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

ANEXO B- Poema: Não vou mais lavar os pratos da escritora Cristiane Sobral

Não vou mais lavar os pratos

Nem vou limpar a poeira dos móveis
Sinto muito. Comecei a ler
Abri outro dia um livro e uma semana depois decidi
Não levo mais o lixo para a lixeira
Nem arrumo a bagunça das folhas que caem no quintal
Sinto muito. Depois de ler percebi a estética dos pratos
a estética dos traços, a ética
A estática
Olho minhas mãos quando mudam a página dos livros
mãos bem mais macias que antes
e sinto que posso começar a ser a todo instante
Sinto
Qualquer coisa
Não vou mais lavar
Nem levar.
Seus tapetes para lavar a seco
Tenho os olhos rasos d'água
Sinto muito
Agora que comecei a ler, quero entender
O porquê, por quê? E o porquê
Existem coisas
Eu li, e li, e li
Eu até sorri
E deixei o feijão queimar...
Olha que o feijão sempre demora a ficar pronto
Considere que os tempos agora são outros...
Ah,
Esqueci de dizer. Não vou mais
Resolvi ficar um tempo comigo
Resolvi ler sobre o que se passa conosco
Você nem me espere. Você nem me chame. Não vou
De tudo o que jamais li, de tudo o que jamais entendi
você foi o que passou
Passou do limite, passou da medida, passou do alfabeto
Desalfabetizou
Não vou mais lavar as coisas e encobrir a verdadeira sujeira
Nem limpar a poeira e espalhar o pó daqui para lá e de lá para cá
Desinfetarei as minhas mãos e não tocarei suas partes móveis
Não tocarei no álcool
Depois de tantos anos alfabetizada, aprendi a ler
Depois de tanto tempo juntos, aprendi a separar
Meu tênis do seu sapato
Minha gaveta das suas gravatas
Meu perfume do seu cheiro
Minha tela da sua moldura

Sendo assim, não lavo mais nada
e olho a sujeira no fundo do copo
Sempre chega o momento
De sacudir, de investir, de traduzir
Não lavo mais pratos
Li a assinatura da minha lei áurea escrita em negro maiúsculo
Em letras tamanho 18, espaço duplo
Aboli
Não lavo mais os pratos
Quero travessas de prata, cozinhas de luxo
E jóias de ouro
Legítimas
Está decretada a lei áurea.

SOBRAL, Cristiane. **Não vou mais lavar os pratos**: 3ª ed. Brasília: 2016. p. 16 -18.

ANEXO C- Poema: Mulata Exportação de Elisa Lucinda.

“Mas que nega linda
E de olho verde ainda
Olho de veneno e açúcar!
Vem nega, vem ser minha desculpa
Vem que aqui dentro ainda te cabe
Vem ser meu álibi, minha bela conduta
Vem, nega exportação, vem meu pão de açúcar!
(Monto casa procê mas ninguém pode saber, entendeu meu dendê?)

Minha tonteira minha história contundida
Minha memória confundida, meu futebol, entendeu meu gelol?
Rebola bem meu bem-querer, sou seu improvisado, seu karaôquê;
Vem nega, sem eu ter que fazer nada. Vem sem ter que me mexer
Em mim tu esqueces tarefas, favelas, senzalas, nada mais vai doer.
Sinto cheiro docê, meu maculelê, vem nega, me ama, me colore
Vem ser meu folclore, vem ser minha tese sobre nego malê.
Vem, nega, vem me arrasar, depois te levo pra gente sambar.”

Imagem: Ouvi tudo isso sem calma e sem dor.
Já preso esse ex-feitor, eu disse: “Seu delegado...”
E o delegado piscou.
Falei com o juiz, o juiz se insinuou e decretou pequena pena
com cela especial por ser esse branco intelectual...
Eu disse: “Seu Juiz, não adianta! Opressão, Barbaridade, Genocídio
nada disso se cura trepando com uma escura!”
Ó minha máxima lei, deixai de asneira
Não vai ser um branco mal resolvido
que vai libertar uma negra:

Esse branco ardido está fadado
porque não é com lábia de pseudo-oprimido
que vai aliviar seu passado.
Olha aqui meu senhor:
Eu me lembro da senzala
e tu te lembras da Casa-Grande
e vamos juntos escrever sinceramente outra história
Digo, repito e não minto:

Vamos passar essa verdade a limpo
porque não é dançando samba
que eu te redimo ou te acredito:
Vê se te afasta, não invista, não insista!
Meu nojo!
Meu engodo cultural!
Minha lavagem de lata!

Porque deixar de ser racista, meu amor,
não é comer uma mulata!

(Da série “Brasil, meu espartilho”)